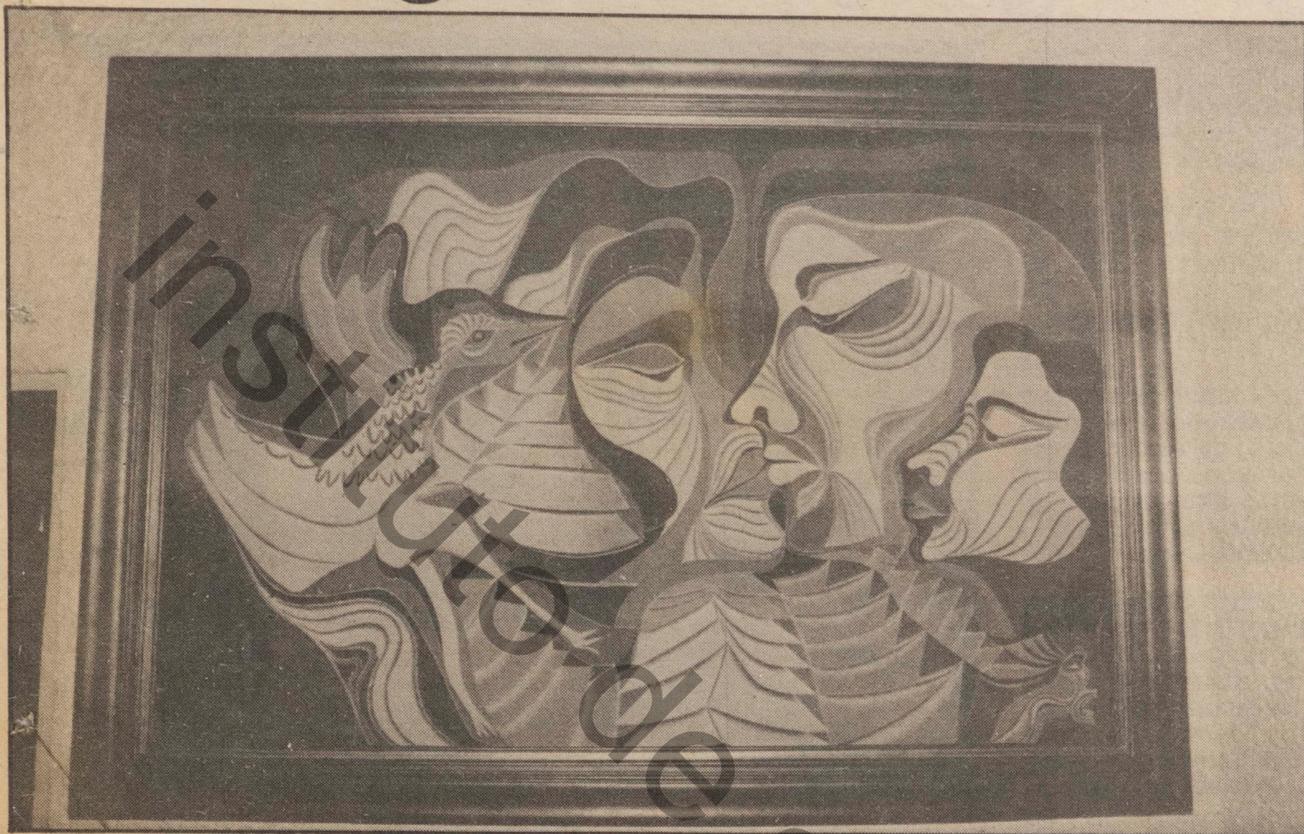


Viúva guarda acervo de Ivan Serpa



Muitos quadros estão guardados na confortável casa do Méier, onde ele viveu com a família durante 23 anos

Uma confortável casa de dois andares, no Méier, contém um bom acervo dos trabalhos de um dos maiores pintores brasileiros dos últimos tempos: Ivan Serpa, falecido há 14 anos. É lá que mora a viúva do artista, **Lígia Serpa**, com um dos filhos do casal. Lígia atualmente está organizando uma exposição de quadros, que será aberta em novembro, no Museu de Arte Moderna (MAM), e pretende também reunir em livro artigos publicados sobre o marido.

A pintura de Ivan Serpa compreendeu várias fases. Ele se iniciou na arte em 1947 e foi um dos primeiros pintores concretistas do Brasil, ao lado de Aloísio Carvão, Lígia Pape e Hélio Oiticica, do Grupo Frente. Porém, com a deflagração da Guerra do Vietnam, na década de 60, Ivan repudiou o movimento e entrou na "fase negra", de nítida inspiração política.

Além das tintas, suas outras ocupações eram o cinema, a música e a família. Segundo Lígia, Serpa era capaz de ouvir durante horas seguidas músicas flamengas e o "Bolero", de Ravel. Ele só pintava em companhia da mulher e dos seis filhos — três legítimos e os demais adotivos — e, desde criança, tinha paixão pelo cinema.

— Uma tia dele contava que, quando o

Ivan era pequeno, ia ao cinema na sessão das 14h e ficava até tarde da noite, assistindo várias vezes seguidas ao mesmo filme — conta Lígia.

Hoje, morando na mesma casa em que viveu por 23 anos ao lado do pintor, Lígia relembra os bons momentos passados ao lado de Serpa. Ivan era flamenguista e torcedor fanático da Mangueira. Apesar de adorar esportes, ele não podia praticá-los, porque sofria do coração. Um enfarte foi a causa de sua morte, aos 50 anos de idade.

— Ivan sempre teve jeito para a pintura, mas jamais negou que sofreu influências do pintor Axel Leskoesch. Mas, ainda na infância, ganhou um prêmio de desenho no colégio. Sua marca registrada era a autenticidade — destaca a viúva.

Ivan era impiedoso quando não gostava de um quadro seu. Nesses casos, ele o destruía imediatamente. Sua personalidade marcante, o amor à pintura e a sensibilidade dos artistas o tornaram uma espécie de profeta. Em 1965, época em que procurava um novo rumo para a sua carreira, fora da estética concretista, ele afirmou que só via dois caminhos para o artista: "Contribuir para o desenvolvimento técnico ou denunciar as contradições, fazendo os outros homens refletirem".



Lígia: exposição e livro com artigos sobre o marido